

Lehmann

Maria Paz Aires o dia celebra o amanhecer

18.04.2026

06.06.2026

PT

ES

EN

Lehmann

Maria Paz Aires o dia celebra o amanhecer

[PT]

18.04.2026

06.06.2026

A Lehmann apresenta a primeira exposição individual de Maria Paz Aires (n. 1998, Porto), reunindo um corpo de trabalho recente que cruza escultura, desenho, pintura e instalação.

Através da tensão entre diversos materiais, a prática de Paz explora a fluidez do corpo e da identidade, observando e articulando simbioses entre o humano, o animal e o vegetal, procurando novos modos de compreender a vida e a generosidade do planeta.

Licenciado em Escultura pela FBAUL e com mestrado pelo Institut Art Gender Nature (HGK) em Basileia, Paz encontra-se atualmente, e até 26 de maio, em residência no CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, em Lisboa.

O seu percurso inclui exposições na Galeria Municipal do Porto (com Joan Jonas), Museu do Caramulo (em colaboração com a Culturgest), Bienal da Maia e Galeria Zé dos Bois, além de mostras internacionais em Basileia, Roma e na Trienal de Sarria, em Espanha. O seu trabalho integra as coleções públicas da Caixa Geral de Depósitos e da Câmara Municipal do Porto. Juntamente com Joana da Conceição, formam o coletivo Xeno-fera.

[PT]

A grande comunidade da vida

Na muito referenciada “Carta da terra”, redigida e aprovada pela Unesco em 2000, é-nos recordada a importância do sentido de interdependência global e de responsabilidade universal que atravessa cada um dos nossos gestos diários, cada uma das nossas tomadas de decisão, mas, sobretudo, a nossa esfera de concepções mentais e as capacidades e qualidades imaginativas que poderemos desenvolver e valorizar na relação com todos os seres.

A ideia da alegre celebração da vida, preconizada pelo equilíbrio harmonioso entre diversidade e unidade, entre o exercício da liberdade e os interesses do bem comum, entre objectivos definidos e alcançados a curto prazo e as proféticas projecções de longa duração, permitem-nos um mergulho num território potencialmente des-hierarquizado, que entende todas as existências, todas as matérias e todos os corpos humanos e não-humanos enquanto elementos de um todo hibridizado e passível de transmutação. Neste território, poderemos encontrar também interessantes cruzamentos de áreas do saber: a biologia, a arte, as ciências sociais e as concepções simbólicas articulam-se para que

todas as formas de vida possam manifestar-se fora dos sistemas de controlo, de pré-ordem, domesticação, autoritarismo, disciplina e vigilância, na defesa da vida nas suas mais exuberantes e inspiradoras manifestações.

Vamos reter-nos nesta ideia de celebração. Celebrar é reconhecer (conhecer de novo, conhecer que já se conhece aquilo que já se conhece). Celebrar é atribuir qualidade vívida, vibrante e alegre. Celebrar é nomear muitas vezes. Celebrar é deixarmo-nos penetrar, é fazermos parte da parte que nos pertence. Celebrar é pertencer.

O território da celebração é o território da excentricidade (daquilo que está fora do centro), da marginalidade, da lateralidade assumida, da invisibilidade visível, da riqueza não-normativa, da indistinção, da indisciplina e da construção partilhada.

Arriscaríamos afirmar que é este o território habitado pelos seres imaginados por Maria Paz Aires. As visões imaginadas que vai materializando, a cada nova apresentação pública, aproximam-nos de um universo pleno, rico, amplamente diverso e em constante reformulação. São seres cambiantes, desmultiplicados, desmembráveis, fruto de operações simples, de fusões, repetições e sobreposições, articulações e inter-penetrações várias. São seres que surgem da imensa vontade de contaminação, de um permanente alargamento das suas possibilidades formais, de experiências vivas e profundamente livres. A sua condição impermanente e fluida permite-lhes a assumpção de instâncias diversas na sua condição existencial, permite-lhes a fractura, a dobra, a separação, a divisão e a desmultiplicação, permite-lhes a mudança de estado, mas também a mudança de escala, e a afirmação segura de que a sua condição presente é atravessada por toda a história das suas múltiplas condições passadas.

Em explanação acerca dos conceitos de microcosmo e de simbiose, Lynn Margulis (também referencial para Paz Aires) afirma que “Os nossos corpos, assim como os de todos os seres vivos, preservam o ambiente da Terra primitiva. Coexistimos com os micróbios actuais e albergamos os restos de outros, integrados simbioticamente nas nossas células. Assim, o microcosmo vive dentro de nós, e nós dentro dele.”¹

O mural “espiral da vida”, concebido por Paz Aires especificamente para ocupar o piso -1 da galeria, permite-nos um mergulho nesse território de hibridização sub-terrânea – onde a experiência da coexistência entre os seres, as suas partes e órgãos, o seu ambiente e as acções resultantes das suas trocas, mas também os seus diferentes tempos de coexistência – funciona como um convite ao reconhecimento e à celebração. Somos abraçados por este mundo sem hierarquias e rapidamente reconhecemos a nossa condição de pertença *queer* e simbiótica.

Uma ideia de continuidade atravessa todo o painel, lembrando-nos (também de acordo com Margulis) que “O processo simbiótico não conhece a interrupção”² permitindo-nos estendê-lo, nessa medida, à impossibilidade de separação entre o próprio lugar do objecto (pintura) e o do ser (observador), e reforçando a possibilidade permutável entre matéria-imagem e matéria-real.

Esta é, poderíamos dizer, a infra-estrutura simbiótica que alimenta o universo de formas, seres e entidades presentes no espaço do piso 0. Um conjunto de criaturas em mutação (formal, material e existencial) parece manifestar-se no espaço a partir da sua dupla condição: cada uma das identidades singulares (composta por inúmeras identidades colectivas) procura uma configuração

especial colectiva. Voltamos à ideia de comunidade da vida e à possibilidade de constituição de um ecossistema tridimensional auto-regulado, onde o fogo assume uma responsabilidade vital enquanto agente transformador das matérias (barro e metais).

À saída (que é também a entrada) encontramos um impressionante e afirmativo desenho a lápis de cor, com o título (pedido de empréstimo a Beverly Glenn-Copeland) “o dia celebra o amanhecer”. Voltamos ao lugar do híbrido, do ser entre seres, ou melhor, do ser de vários seres.

O “amanhecer” que aqui é celebrado (reconhecido, valorizado, nomeado, repetido, afirmado) sinaliza uma condição particular: a ideia de construção colectiva – não-binária – operada pela relação dialógica entre todos os elementos (células, bactérias, matéria invisível comum, órgãos, fluidos, fibras, estruturas ou energias).

Crentes nas possibilidades transformadoras e imaginativas destes “amanheceres”, questionamo-nos acerca de quão novas concepções poderíamos criar acerca do mundo, se as condições híbrida e *queer* não fossem lidas apenas enquanto determinações divisionistas entre os conceitos de natureza e cultura, mas constituíssem parte integrante da assumpção de todas as existências na grande comunidade da vida. E voltamos a Margulis: “Ao criarem organismos que não são simplesmente a soma das suas partes, mas algo mais próximo da soma de todas as combinações possíveis dessas partes, tais alianças impulsionam os seres em desenvolvimento para domínios ainda inexplorados. A simbiose, a fusão de organismos em novos seres coletivos, demonstra ser um poderoso motor de mudança na Terra.”³

Ana Anacleto

1. Margulis, Lynn e Sagan, Dorian (2024), “Gaïa, sexe et catastrophe”, Paris: Éditions Wildproject, p.45 [Tradução livre]
2. Idem, p.43 [Tradução livre]
3. Idem, p.41 [Tradução livre]

01.

MARIA PAZ AIRES

Semeio fúnebre, 2025

Lápis de cor sobre papel Fabriano
222 × 152 cm

02.

MARIA PAZ AIRES

espiral da vida, 2026

Acrílico e lápis sobre madeira
250 × 500 × 390 cm

03.

MARIA PAZ AIRES

Anos de luz, 2026

Cerâmica vidrada, ferro forjado
161 × 150 × 150 cm

04.

MARIA PAZ AIRES

Medusa Rainha das Trevas, 2026

Cerâmica vidrada, ferro forjado
143 × 120 × 130 cm

05.

MARIA PAZ AIRES

Força imortal, 2026

Cerâmica vidrada, ferro forjado
164 × 155 × 150 cm

06.

MARIA PAZ AIRES

Beijinho, 2026

Cerâmica vidrada, ferro
78 × 67 × 43 cm

07.

MARIA PAZ AIRES

Brotar estrelar, 2026

Cerâmica vidrada, ferro forjado
147 × 145 × 140 cm

08.

MARIA PAZ AIRES

Raiz metamórfica, 2026

Cerâmica vidrada, ferro
82 × 58 × 48 cm

09.

MARIA PAZ AIRES

Safadeza, 2026

Cerâmica vidrada, ferro forjado
133 × 138 × 140 cm

10.

MARIA PAZ AIRES

Deusa, 2026

Cerâmica vidrada, ferro
72 × 57 × 48 cm

11.

MARIA PAZ AIRES

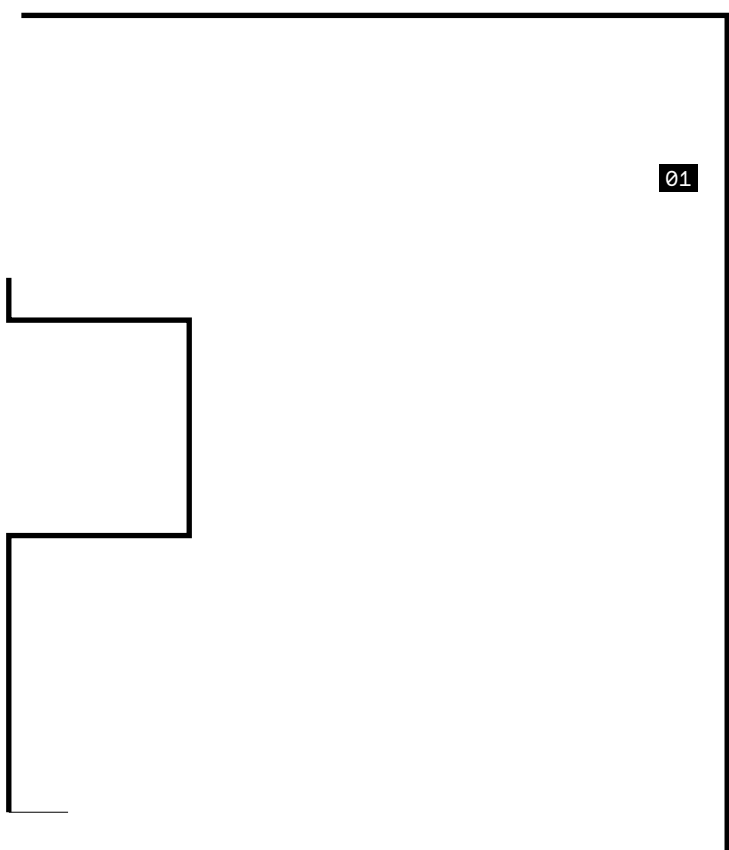
Erupção, 2026

Cerâmica vidrada, ferro forjado
153 × 134 × 128 cm

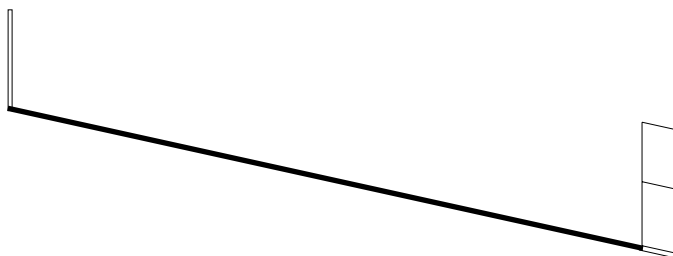
12.

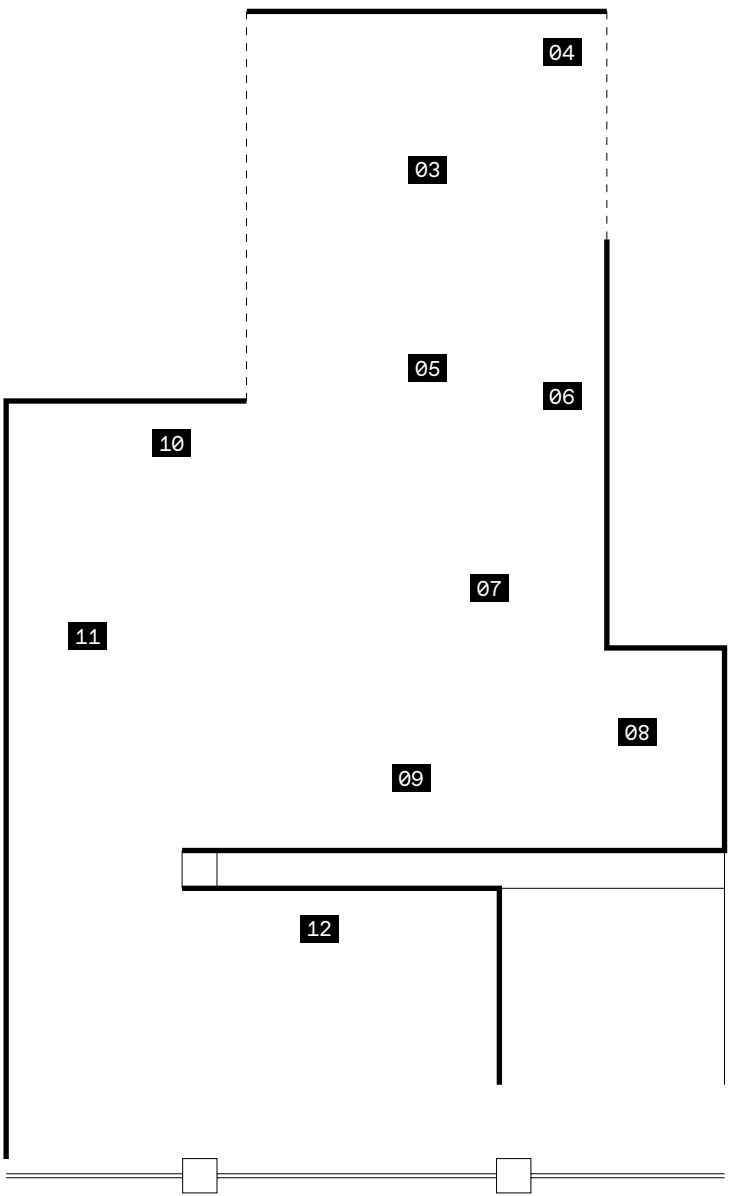
MARIA PAZ AIRES

o dia celebra o amanhecer, 2026
Lápis de cor sobre papel Fabriano
237 × 152 cm



02





Lehmann

Maria Paz Aires o dia celebra o amanhecer

[ES]

18.04.2026

06.06.2026

Lehmann presenta la primera exposición individual de Maria Paz Aires (n. 1998, Oporto), que reúne un cuerpo de trabajo reciente en el que se cruzan la escultura, el dibujo, la pintura y la instalación.

A través de la tensión entre diversos materiales, la práctica de Paz explora la fluidez del cuerpo y de la identidad, observando y articulando simbiosis entre lo humano, lo animal y lo vegetal, buscando nuevos modos de comprender la vida y la generosidad del planeta.

Licenciado en Escultura por la FBAUL y con un máster por el Institut Art Gender Nature (HGK) de Basilea, Paz se encuentra actualmente, y hasta el 26 de mayo, en residencia en el CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, en Lisboa.

Su trayectoria incluye exposiciones en la Galeria Municipal do Porto (con Joan Jonas), el Museu do Caramulo (en colaboración con Culturgest), la Bienal da Maia y la Galeria Zé dos Bois, además de muestras internacionales en Basilea, Roma y en la Trienal de Sarria, en España. Su obra forma parte de colecciones públicas de relevancia, como la de la Caixa Geral de Depósitos y la de la Câmara Municipal do Porto. Junto a Joana da Conceição, forman el colectivo Xeno-fera.

[ES]

La gran comunidad de la vida

En la muy citada «Carta de la Tierra», redactada y aprobada por la Unesco en 2000, se nos recuerda la importancia del sentido de interdependencia global y de responsabilidad universal que atraviesa cada uno de nuestros gestos cotidianos, cada una de nuestras decisiones, pero, sobre todo, nuestra esfera de concepciones mentales y las capacidades y cualidades imaginativas que podemos desarrollar y valorar en la relación con todos los seres.

La idea de una celebración gozosa de la vida, sustentada en el equilibrio armonioso entre diversidad y unidad, entre el ejercicio de la libertad y los intereses del bien común, entre objetivos definidos y alcanzables a corto plazo y proyecciones proféticas de larga duración, nos permite internarnos en un territorio potencialmente desjerarquizado, que entiende todas las existencias, todas las materias y todos los cuerpos (humanos y no humanos) como elementos de un todo hibridado y abierto a la transmutación. En ese territorio encontramos también sugerentes cruces entre distintos ámbitos del saber: la biología, el arte, las ciencias sociales y las concepciones simbólicas se articulan para que todas las

formas de vida puedan manifestarse fuera de los sistemas de control, orden previo, domesticación, autoritarismo, disciplina y vigilancia, en defensa de la vida en sus manifestaciones más exuberantes e inspiradoras.

Detengámonos en esta idea de celebración. Celebrar es reconocer —conocer de nuevo, saber que ya se conoce aquello que ya se conoce—. Celebrar es conferir una cualidad vívida, vibrante y alegre. Celebrar es nombrar muchas veces. Celebrar es dejarnos atravesar, es formar parte de la parte que nos pertenece. Celebrar es pertenecer.

El territorio de la celebración es el territorio de la excentricidad —de aquello que queda fuera del centro—, de la marginalidad, de la lateralidad asumida, de la invisibilidad visible, de la riqueza no normativa, de la indistinción, de la indisciplina y de la construcción compartida.

Nos atreveríamos a afirmar que este es el territorio habitado por los seres imaginados por María Paz Aires. Las visiones que va materializando en cada nueva presentación pública nos acercan a un universo pleno, rico, ampliamente diverso y en constante reformulación. Son seres cambiantes, desmultiplicados, desmembrables, fruto de operaciones simples, de fusiones, repeticiones y superposiciones, de articulaciones e interpenetraciones múltiples. Son seres nacidos de una inmensa voluntad de contaminación, de una ampliación permanente de sus posibilidades formales, de experiencias vivas y profundamente libres. Su condición impermanente y fluida les permite asumir instancias diversas de su existencia; les permite la fractura, el pliegue, la separación, la división y la desmultiplicación; les permite cambiar de estado, pero también de escala, y afirmar con rotundidad que su condición presente está atravesada por toda la historia de sus múltiples condiciones pasadas.

Al explicar los conceptos de microcosmos y simbiosis, Lynn Margulis —también una referencia para Paz Aires— afirma: «Nuestros cuerpos, como los de todos los seres vivos, preservan el ambiente de la Tierra primitiva. Coexistimos con los microbios actuales y albergamos restos de otros, integrados simbióticamente en nuestras células. Así, el microcosmos vive dentro de nosotros, y nosotros dentro de él».¹

El mural «espiral da vida [espiral de la vida]», concebido por Paz Aires específicamente para ocupar la planta -1 de la galería, nos permite adentrarnos en ese territorio de hibridación subterránea, donde la experiencia de la coexistencia entre los seres, sus partes y órganos, su entorno y las acciones derivadas de sus intercambios, así como sus distintos tiempos de coexistencia, funciona como una invitación al reconocimiento y a la celebración. Este mundo sin jerarquías nos envuelve, y en él reconocemos de inmediato nuestra condición de pertenencia *queer* y simbiótica.

Una idea de continuidad atraviesa todo el panel, recordándonos —también de acuerdo con Margulis— que «el proceso simbiótico no conoce interrupción»², lo que nos permite extender esa idea a la imposibilidad de separar el lugar del objeto (la pintura) del lugar del ser (el observador), y reforzar así la posibilidad de intercambio entre materia-imagen y materia-real.

Esta es, podríamos decir, la infraestructura simbiótica que alimenta el universo de formas, seres y entidades presentes en el espacio de la planta 0. Un conjunto de criaturas en mutación —formal, material y existencial— parece manifestarse en el espacio a partir de una doble condición: cada una de esas identidades singulares, compuesta a su vez por innumerables identidades colectivas, busca una

configuración espacial también colectiva. Volvemos así a la idea de comunidad de la vida y a la posibilidad de constituir un ecosistema tridimensional autorregulado, donde el fuego asume una responsabilidad vital como agente transformador de las materias: barro y metales.

A la salida —que es también la entrada— encontramos un dibujo a lápiz de color, imponente y afirmativo, titulado —tomando prestada la expresión de Beverly Glenn-Copeland— «o día celebra o amanecer [El día celebra el amanecer]». Volvemos al lugar de lo híbrido, del ser entre seres o, mejor aún, del ser hecho de varios seres.

El «amanecer» que aquí se celebra (se reconoce, se valora, se nombra, se repite, se afirma) señala una condición particular: la idea de una construcción colectiva —no binaria— operada por la relación dialógica entre todos los elementos: células, bacterias, materia invisible común, órganos, fluidos, fibras, estructuras o energías.

Confianza en las posibilidades transformadoras e imaginativas de estos «amaneceres», nos preguntamos qué nuevas concepciones del mundo podríamos llegar a crear si las condiciones híbrida y *queer* no se leyeran únicamente como categorías divisorias entre naturaleza y cultura, sino como parte integrante de la asunción de todas las existencias en la gran comunidad de la vida. Y volvemos a Margulis: «Al crear organismos que no son simplemente la suma de sus partes, sino algo más próximo a la suma de todas las combinaciones posibles de esas partes, tales alianzas impulsan a los seres en desarrollo hacia dominios todavía inexplorados. La simbiosis, la fusión de organismos en nuevos seres colectivos, demuestra ser un poderoso motor de cambio en la Tierra».³

Ana Anacleto

1. Margulis, Lynn y Sagan, Dorian (2024), *Gaïa, sexe et catastrophe*, París: Éditions Wildproject, p. 45 [Traducción libre].
2. Ídem, p. 43 [Traducción libre].
3. Ídem, p. 41 [Traducción libre].

01.

MARIA PAZ AIRES

Semeio fúnebre, 2025

Lápiz de color sobre papel Fabriano
222 × 152 cm

02.

MARIA PAZ AIRES

espiral da vida, 2026

Acrílico y lápiz sobre madera
250 × 500 × 390 cm

03.

MARIA PAZ AIRES

Anos de luz, 2026

Cerámica vidriada, hierro forjado
161 × 150 × 150 cm

04.

MARIA PAZ AIRES

Medusa Rainha das Trevas, 2026

Cerámica vidriada, hierro forjado
143 × 120 × 130 cm

05.

MARIA PAZ AIRES

Força imortal, 2026

Cerámica vidriada, hierro forjado
164 × 155 × 150 cm

06.

MARIA PAZ AIRES

Beijinho, 2026

Cerámica vidriada, hierro
78 × 67 × 43 cm

07.

MARIA PAZ AIRES

Brotar estrelar, 2026

Cerámica vidriada, hierro forjado
147 × 145 × 140 cm

08.

MARIA PAZ AIRES

Raiz metamórfica, 2026

Cerámica vidriada, hierro
82 × 58 × 48 cm

09.

MARIA PAZ AIRES

Safadeza, 2026

Cerámica vidriada, hierro forjado
133 × 138 × 140 cm

10.

MARIA PAZ AIRES

Deusa, 2026

Cerámica vidriada, hierro
72 × 57 × 48 cm

11.

MARIA PAZ AIRES

Erupção, 2026

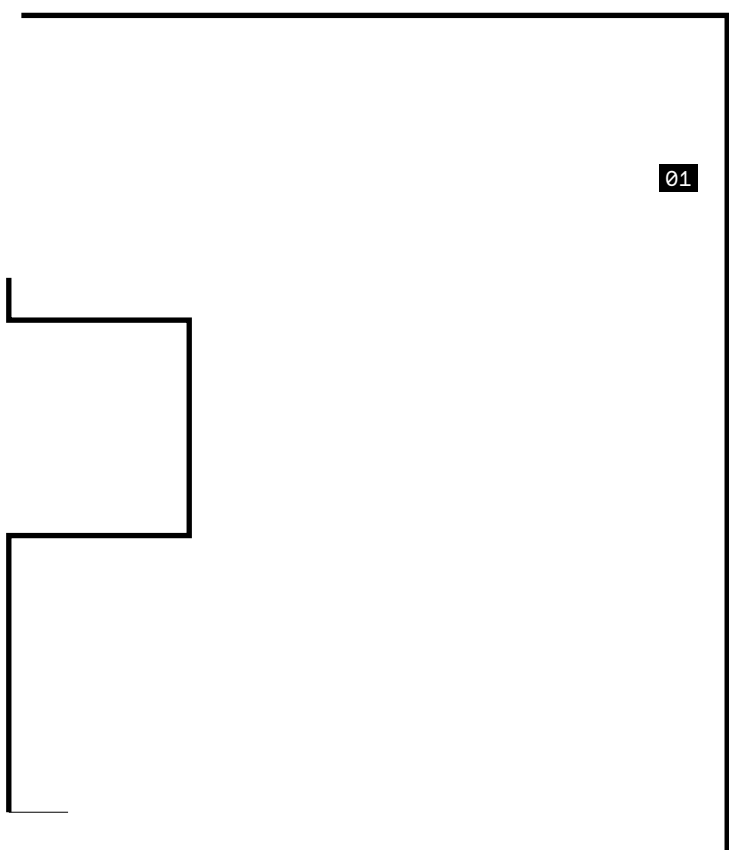
Cerámica vidriada, hierro forjado
153 × 134 × 128 cm

12.

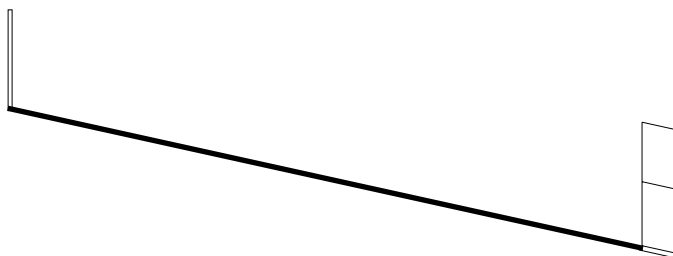
MARIA PAZ AIRES

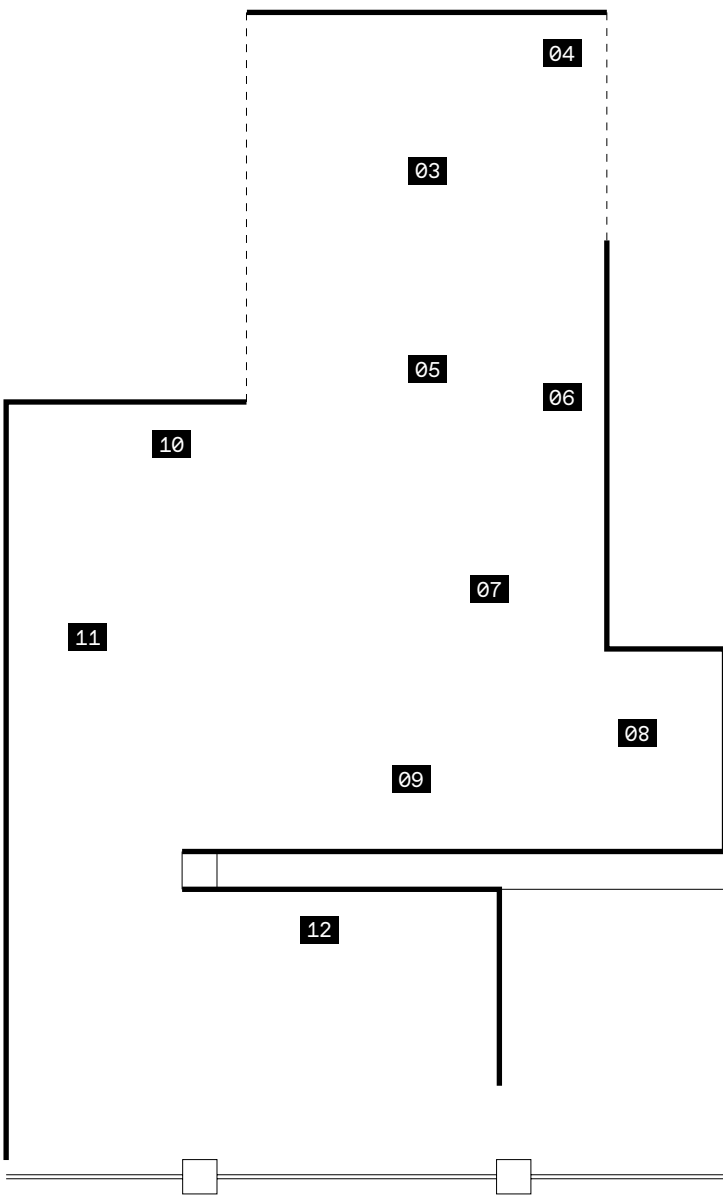
o dia celebra o amanhecer, 2026

Lápiz de color sobre papel Fabriano
237 × 152 cm



02





Lehmann

Maria Paz Aires o dia celebra o amanhecer

[EN]

18.04.2026

06.06.2026

Lehmann presents the first solo exhibition by Maria Paz Aires (b. 1998, Porto), bringing together a recent body of work that traverses sculpture, drawing, painting, and installation.

Through the tension between various materials, Paz's practice explores the fluidity of the body and identity, observing and articulating symbioses between the human, the animal, and the vegetable, whilst seeking new ways to understand life and the generosity of the planet.

With a degree in Sculpture from FBAUL and an MA from the Institut Art Gender Nature (HGK) in Basel, Paz is currently — and until 26 May — an artist-in-residence at CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, in Lisbon.

His exhibition history includes presentations at major institutions and venues such as Galeria Municipal do Porto (in a duet with Joan Jonas), Museu do Caramulo (in collaboration with Culturgest), Bienal da Maia, and Galeria Zé dos Bois, alongside international exhibitions in Basel, Rome, and at the Sarria Triennial in Spain. His work is part of prominent public collections, including the Caixa Geral de Depósitos and the Porto Municipal Collection. Together with Joana da Conceição, they form the Xeno-fera collective.

[EN]

The Great Community of Life

In the much-cited “Earth Charter”, drafted and approved by UNESCO in 2000, we are reminded of the importance of a sense of global interdependence and universal responsibility running through each of our daily gestures, each of our decisions, but above all through our sphere of mental conceptions and the imaginative capacities and qualities we may develop and value in our relation to all beings.

The idea of the joyful celebration of life, advocated through a harmonious balance between diversity and unity, between the exercise of freedom and the interests of the common good, between clearly defined short-term objectives and prophetic long-range projections, allows us to immerse ourselves in a potentially de-hierarchised territory, one that understands all forms of existence, all materials, and all human and non-human bodies as elements of a hybridised whole, open to transmutation. Within this territory, we may also encounter fertile intersections between fields of knowledge: biology, art, the social sciences, and symbolic conceptions are brought into articulation so that all forms of life may manifest themselves outside systems of control,

pre-ordering, domestication, authoritarianism, discipline, and surveillance, in defence of life in its most exuberant and inspiring manifestations.

Let us dwell for a moment on this idea of celebration. To celebrate is to recognise: to know again, to know that one already knows what one already knows. To celebrate is to confer a vivid, vibrant, and joyful quality. To celebrate is to name many times over. To celebrate is to let ourselves be penetrated; it is to become part of the part that belongs to us. To celebrate is to belong.

The territory of celebration is the territory of eccentricity—of that which lies outside the centre—of marginality, of avowed laterality, of visible invisibility, of non-normative richness, of indistinction, and of shared construction.

We might venture to suggest that this is the territory inhabited by the beings imagined by Maria Paz Aires. The imagined visions he materialises with each new public presentation bring us closer to a full and richly diverse universe, one in constant reformulation. These are mutable, multiple, dismemberable beings, the product of simple operations, of fusions, repetitions, and superimpositions, of various articulations and interpenetrations. They are beings that arise from an immense desire for contamination, from a permanent expansion of their formal possibilities, from living and profoundly free experiments. Their impermanent and fluid condition allows them to assume different instances of existence; it allows fracture, fold, separation, division, and multiplication; it allows changes of state, but also changes of scale; and it affirms with confidence that their present condition is traversed by the entire history of their many past conditions.

In an exposition of the concepts of microcosm and symbiosis, Lynn Margulis (also a key reference for Paz Aires) states that: “Our bodies, like those of all living beings, preserve the environment of the early Earth. We coexist with present-day microbes and harbour the remains of others, symbiotically integrated into our cells. Thus the microcosm lives within us, and we within it.”¹

The mural “*espiral da vida* [spiral of life]”, conceived by Paz Aires specifically to occupy the gallery’s lower-ground floor, allows us to plunge into that territory of subterranean hybridisation—where the experience of coexistence among beings, their parts and organs, their environment and the actions resulting from their exchanges, but also their different times of coexistence—functions as an invitation to recognition and celebration. We are embraced by this non-hierarchical world and quickly recognise our condition of queer and symbiotic belonging.

An idea of continuity runs through the entire panel, reminding us (again in keeping with Margulis) that “The symbiotic process knows no interruption”², thereby allowing us to extend it to the impossibility of separating the place of the object itself (painting) from that of the being (observer), while reinforcing the possibility of interchange between image-matter and real matter.

This is, we might say, the symbiotic infrastructure that nourishes the universe of forms, beings, and entities present in the space on the ground floor. A set of creatures in mutation—formal, material, and existential—seems to manifest itself in the space from the basis of a double condition: each singular identity, itself composed of countless collective identities, seeks a collective spatial configuration. We return to the idea of the community of

life and to the possibility of constituting a self-regulating three-dimensional ecosystem, in which fire assumes a vital responsibility as the agent that transforms matter (clay and metals).

On leaving (which is also on entering) we encounter an impressive and affirmative coloured-pencil drawing bearing the title (borrowed from Beverly Glenn-Copeland) “o dia celebra o amanhecer [the day greets the dawn]”. We return to the place of the hybrid, of the being among beings, or rather of the being made of many beings.

The “dawn” celebrated here—recognised, valued, named, repeated, affirmed—signals a particular condition: the idea of collective, non-binary construction, brought about through the dialogical relation between all elements: cells, bacteria, invisible common matter, organs, fluids, fibres, structures, or energies.

Believing in the transformative and imaginative possibilities of these “dawns”, we ask ourselves what new conceptions of the world we might create if hybrid and queer conditions were not read merely as divisive determinations between the concepts of nature and culture, but instead formed an integral part of the acknowledgement of all forms of existence within the great community of life. And we return to Margulis: “By creating organisms that are not simply the sum of their parts, but something closer to the sum of all possible combinations of those parts, such alliances propel developing beings into still unexplored domains. Symbiosis, the fusion of organisms into new collective beings, proves to be a powerful engine of change on Earth.”³

Ana Anacleto

1. Margulis, Lynn and Sagan, Dorian (2024), *Gaïa, sexe et catastrophe*, Paris: Éditions Wildproject, p. 45 [Free translation].
2. *Ibid.*, p. 43 [Free translation].
3. *Ibid.*, p. 41 [Free translation].

01.

MARIA PAZ AIRES

Semeio fúnebre, 2025

Coloured pencils on Fabriano paper
222 × 152 cm

02.

MARIA PAZ AIRES

espiral da vida, 2026

Acrylic and pencil on wood
250 × 500 × 390 cm

03.

MARIA PAZ AIRES

Anos de luz, 2026

Glazed ceramics, wrought iron
161 × 150 × 150 cm

04.

MARIA PAZ AIRES

Medusa Rainha das Trevas, 2026

Glazed ceramics, wrought iron
143 × 120 × 130 cm

05.

MARIA PAZ AIRES

Força imortal, 2026

Glazed ceramics, wrought iron
164 × 155 × 150 cm

06.

MARIA PAZ AIRES

Beijinho, 2026

Glazed ceramics, iron
78 × 67 × 43 cm

07.

MARIA PAZ AIRES

Brotar estrelar, 2026

Glazed ceramics, wrought iron

147 × 145 × 140 cm

08.

MARIA PAZ AIRES

Raiz metamórfica, 2026

Glazed ceramics, iron

82 × 58 × 48 cm

09.

MARIA PAZ AIRES

Safadeza, 2026

Glazed ceramics, wrought iron

133 × 138 × 140 cm

10.

MARIA PAZ AIRES

Deusa, 2026

Glazed ceramics, iron

72 × 57 × 48 cm

11.

MARIA PAZ AIRES

Erupção, 2026

Glazed ceramics, wrought iron

153 × 134 × 128 cm

12.

MARIA PAZ AIRES

o dia celebra o amanhecer, 2026

Coloured pencils on Fabriano paper

237 × 152 cm

